

Questionário de Expressão Emocional aplicado a idosos: indicadores psicométricos e relações com variáveis sociodemográficas e afetivas

*Emotional Expression Questionnaire applied to elderly:
psychometrics indicators and relationships with
sociodemographic and affectives variables*

Monique Alves de Oliveira
Samila Sathler Tavares Batistoni
Ruth Caldeira de Melo
Mônica Sanches Yassuda
Marisa Accioly Domingues
Andrea Lopes
Meire Cachioni

RESUMO: Foram examinados os indicadores psicométricos de validade e confiabilidade do Questionário de Expressão Emocional (QEE), de Gross e John (1995), quando aplicado a idosos brasileiros. O presente estudo examinou também as relações entre o QEE e variáveis sociodemográficas, de experiência emocional e de presença de sintomas depressivos. A amostra foi composta por 256 idosos frequentadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade com idade média de 67 anos ($\pm 5,54$). A Análise Fatorial Exploratória replicou os domínios originais do instrumento. O coeficiente alpha de Cronbach foi de 0,73 e o índice de correlação teste-reteste de $>0,60$. As maiores pontuações médias dos idosos foram em expressividade positiva e força do impulso. Gênero, renda, escolaridade e estado civil, experiência afetiva e depressão geraram diferenças individuais em expressividade emocional. O instrumento revelou bons indicadores psicométricos e seus correlatos sociodemográficos e afetivos sugeriram a manutenção do funcionamento emocional na velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento; Expressão Emocional; Indicadores Psicométricos.

ABSTRACT: *The study examined the psychometric indicators of validity and reliability of Emotional Expression Questionnaire (EEQ; Gross & John, 1995) applied to Brazilian elderly. In addition, was examined the relationship between the EEQ and sociodemographic indicators of emotional experience and depressive symptoms. The sample was consisted of 256 elderly of an Open University of the Third Age with mean age 67 years (± 5.54). The EEQ was subjected to retesting with sub-sample of 150 elderly and indicated moderate correlation coeficiente ($>.60$). The exploratory factor analysis replicated the original domains that the instrument is also derived from the alpha of Cronbach coeficiente (.73). The highest mean scores of the elderly were in positive expressiveness and strength of the impulse. Gender, income, education and marital status, depression and affective experience generated individual differences in emotional expressiveness. The instrument reveals good psychometric indicators and revealed the maintenance of the emotional domains in old age.*

Keywords: *Aging; Emotional Expression; Psychometric Indicators.*

Embora ainda prevaleçam mitos e estereótipos negativos a respeito da relação entre emoções e envelhecimento, a literatura gerontológica tem evidenciado, consistentemente, que a capacidade de experienciar, expressar e regular as emoções em geral se mantém ou é até mesmo otimizada na velhice. Consistente com a perspectiva *life-span* em Psicologia e com dados de estudos de coortes sequenciais e longitudinais, concebe-se atualmente que idosos podem envelhecer mantendo um senso de bem-estar e habilidades de manejar suas emoções a despeito das mudanças e perdas decorrentes da velhice (Orgeta, 2009; Scheibe & Carstensen, 2010).

O envelhecimento emocional tem sido compreendido dentro de uma estrutura complexa que envolve processos motivacionais, emocionais e cognitivos trabalhando conjuntamente em prol da adaptação às mudanças normativas da velhice (Charles & Carstensen, 2010). Processos de desenvolvimento e envelhecimento coexistem, determinando mudanças evolutivas que se identificam como ganhos e perdas e, embora essas mudanças evolutivas caracterizadas como perdas aumentem com a idade, na velhice podem ocorrer alterações classificáveis como ganhos (Neri, 2008). Assim sendo, as relações entre emoções e envelhecimento revelam-se como um campo de estudo e atuação gerontológica significativo uma vez que ganhos e perdas coexistem e

o balanço adaptativo entre eles traz implicações importantes no que se refere à possibilidade de envelhecer de forma bem-sucedida.

Dentre os componentes das emoções, os domínios da experiência e do controle tem sido os mais frequentemente estudados. No que tange à experiência emocional, alguns estudos não encontram diferenças etárias no autorrelato da experiência emocional (Levenson, Carstensen, Friesin & Ekman, 1991). Alguns estudiosos, entretanto, defendem que a experiência negativa pode aumentar levemente nas idades avançadas em função dos declínios fisiológicas (Carstensen, Pasupathi, Mayr & Nesselroade, 2000; Griffin, Mroczek & Spiro, 2006; Kunzmann, Little & Smith, 2000). Outros autores também identificam diminuição da intensidade da experiência emocional, porém, só para os afetos negativos (Barrick, Hutchinson & Deckers, 1989; Charles & Carstensen, 2010).

Por outro lado, as evidências a respeito do controle ou regulação das emoções na velhice têm apontado para uma trajetória de ganhos, à medida em que o autorrelato dos idosos a respeito de sua competência em manejar emoções é mais frequente do que entre os jovens (Lawton, Kleban, Rajagopal, Dean, 1992) e o uso de estratégias mais adaptativas de regulação emocional tem sido encontrado entre os primeiros (Urry & Gross, 2010). A literatura gerontológica tem sido consistente com a perspectiva de que o envelhecimento implica em mudança na motivação e na competência para manejar as emoções, resultando em bem-estar subjetivo na velhice (Carstensen, Tunan, Scheibe, Ram, Ersner-Hershfield, Samanez-Larkin, Brooks, Nesselroade, 2011).

No que tange à expressão emocional, poucos estudos têm elucidado o impacto do envelhecimento sobre este componente. Estudos das décadas de 1980 e 1990 tanto trazem indícios de que a expressão emocional não se diferencia entre as fases da vida (Malesta & Kalnok, 1984) como relatam aumento ou manutenção das expressões positivas e uma diminuição de expressões negativas na velhice (Carstensen, Gottman & Levenson, 1995).

Segundo Gross, John & Richards (2000), a expressão emocional pode ser definida como um comportamento típico que acompanha uma emoção, assim como sorrir, chorar, gritar, saltar. Ou seja, trata-se do componente objetivo que sinaliza corporalmente uma vivência emocional com funções adaptativas, principalmente no que se refere ao ambiente social. Na velhice, é possível que a expressão das emoções possa estar condicionada a expectativas e normas prevalentes em seu contexto, sofrendo a influência das avaliações sociais do que vem a ser

comportamentos emocionais esperados e normativos a cada faixa etária, gênero e coorte (Phillips, Henry, Hosie, Milne, 2008; Urry & Gross, 2010; Yeung, Wong & Lok, 2011).

Os estudos disponíveis sobre diferenças etárias em expressão emocional utilizam-se geralmente de medidas tomadas por meio de observação, medidas psicofisiológicas e de autorrelato. Entre estes métodos, as medidas de autorrelato que envolvem a utilização de inventários e questionários têm se mostrado relevantes nos campos da pesquisa. Um desses instrumentos é o Questionário de Expressão Emocional (QEE) de Gross e John (1995), construído a partir um modelo de ativação, regulação e expressão emocional específico. Tal modelo tem se mostrado útil na compreensão da expressão emocional e suas implicações para a adaptação ao bem-estar subjetivo (George, 2010), depressão (Sloan, Strauss & Wisner, 2001) e para a saúde física (Sloan & Marx, 2004), da população em geral. Gross e John (1995) defendem que as emoções ocorrem quando um estímulo interno ou externo é processado e um programa emocional é acionado. Tal programa gera uma tendência de resposta que prepara o organismo para adaptar-se às mudanças ambientais. Entretanto, esta é ainda uma resposta latente, ação que faz com que, nem sempre, as emoções experimentadas se revelem por meio de um comportamento visível (Gross & John, 1997). Nesse sentido, o QEE visa a identificar diferenças individuais em expressividade emocional por meio de um construto composto a partir de três dimensões: força de impulso, expressividade positiva e expressividade negativa.

Dado o papel crítico da expressão emocional no funcionamento adaptativo humano faz-se necessário conhecer suas relações com o processo de envelhecimento. Embora as evidências da literatura internacional sejam consideradas robustas e designem um campo de estudo e pesquisa consolidado, no contexto brasileiro ainda há poucas iniciativas de pesquisa dedicadas ao campo e poucos instrumentos válidos e confiáveis para medir os aspectos emocionais de seus idosos. A literatura nacional, em geral, dispõe de evidências isoladas de uma discussão maior sobre emoções e envelhecimento, fornecendo, em geral, dados coletados de amostras clínicas (Santos, 2011), em situações de lazer (Gáspari & Schwartz, 2005; Pôrto, 2008), ou inferidas a partir de dados de prevalência de depressão (Gazalle, Lima, Tavares & Hallal, 2004).

Nesse sentido, o presente estudo buscou examinar os indicadores psicométricos de validade e confiabilidade do Questionário de Expressão Emocional de Gross e John (1995), quando aplicados a idosos brasileiros. Complementarmente, buscou também identificar correlações entre o construto de expressividade emocional e os de experiência emocional e de

depressão, para a amostra como um todo e entre os gêneros, grupos de idade, grupos de renda, de escolaridade e estado civil.

Métodos

O presente estudo faz parte da pesquisa “Educação Permanente – Benefícios da Universidade Aberta à Terceira Idade - EACH USP”, que conta com o financiamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Ministério da Educação (Edital de Seleção n.º 02/2009 – INEP/MEC). Trata-se de um estudo prospectivo, visando a identificar as características e os benefícios da participação de idosos em uma Universidade Aberta à Terceira idade, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, parecer de n.º 2010.043.

O estudo foi realizado no início e no final de dois semestres de atividades, com medidas de base no momento da matrícula dos idosos nas atividades e uma medida prospectiva ao final do semestre. Ao realizar a matrícula, todos os idosos foram convidados e aceitaram participar da pesquisa. Nessa ocasião, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram entrevistados no mesmo dia ou em data conveniente para os mesmos. As entrevistas foram realizadas por graduandos do curso de Gerontologia da EACH (USP), previamente treinados para esta atividade. O tempo médio de duração da entrevista foi 90 minutos. Participaram do presente estudo 256 idosos com idade igual e superior a sessenta anos, inscritos no 1º semestre de 2010 na UNATI EACH-USP. Um mês após a primeira medida, sortearam-se 150 idosos para participar de uma retestagem.

Instrumentos

Selecionaram-se do protocolo de pesquisa as seguintes medidas:

- a) Variáveis sociodemográficas: gênero, idade, escolaridade (por anos de estudo), renda (por faixas salariais) e estado civil;

- b) Experiência afetiva: medida através da Escala de Ânimo Positivo e Negativo (EAPN - Siqueira, Martins & Moura, 1999). Em uma escala que varia de 1 (pouco) a 5 (extremamente), solicita-se ao sujeito que avalie quão frequentemente, ao longo da última semana, ele experimentou afetos positivos (feliz, alegre, animado, bem, satisfeito, contente) e negativos (irritado, desmotivado, angustiado, deprimido, chateado, nervoso, triste, desanimado).
- c) Escala de Depressão Geriátrica (GDS-15): Validada para idosos brasileiros por Almeida & Almeida (1999), visa a identificar a presença significativa de sintomas depressivos. Composta por 15 perguntas com respostas dicotômicas (sim x não – presença ou ausência do sintoma), fornece, como parâmetro para o rastreio de depressão, o escore igual ou maior que 6 pontos.
- d) Questionário de Expressão Emocional - QEE (*Berkeley Expressivity Questionnaire* - BEQ; Gross & John, 1995): consiste em 16 perguntas que avaliam as diferenças individuais na expressividade emocional nos domínios: Força de Impulso, Expressividade Positiva e Expressividade Negativa. No presente estudo, a versão em português de Portugal, disponível no site do laboratório da Universidade de Stanford (<http://spl.stanford.edu/>) teve seu uso linguisticamente adaptado a idosos brasileiros.

Análise dos dados

Para alcançar o primeiro objetivo deste estudo, os dados relativos às respostas dos 256 idosos ao Questionário de Expressão Emocional (QEE) foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória, e derivado o coeficiente α de Cronbach. A estabilidade ou reprodutibilidade do Questionário de Expressão Emocional foi testada através da comparação dos escores obtidos da QEE entre duas aplicações (Teste e Reteste). A reprodutibilidade teste-reteste foi avaliada pelo coeficiente de correlação intraclass de duas vias, efeitos mistos, com concordância absoluta (*two-way mixed intraclass correlation coefficient with absolute agreement*).

Para as análises referentes ao segundo objetivo deste estudo foram feitas tabelas com estatísticas descritivas do Questionário de Expressão Emocional, com medidas de posição e dispersão. Em seguida, compararam-se os escores do questionário entre as variáveis

sociodemográficas, utilizando-se o teste U de Mann-Whitney ou de *Kruskal-Wallis*, devido à ausência de distribuição normal da variável dependente em questão. Para analisar a relação entre os fatores do Questionário de Expressão Emocional e as variáveis sociodemográficas e emocionais (depressão, afetos positivos e negativos) utilizou-se a correlação de *Spearman*.

As análises foram realizadas por meio do programa de estatística computacional: Statistica v.7.0 (2004). O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5%, ou seja, $p\text{-valor} < 0.05$.

Resultados

Participaram do presente estudo 256 idosos com idade igual e superior a sessenta anos, inscritos no 1º semestre de 2010 na UnATI EACH-USP. Destes, 150 foram submetidos à retestagem. A Tabela 1 traz as características sociodemográficas da amostra, composta, em sua maioria, pelo sexo feminino e por idosos casados. A média de idade dos participantes foi de 67 anos ($\pm 5,54$) e de escolaridade de média de 10,1 ($\pm 4,67$) anos. Não houve diferenças estatisticamente significantes entre as características sociodemográficas da amostra total e da sub-amostra de reteste ($n=150$).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra total e de reteste

Variáveis	Amostra Total (N=256)		Amostra do Reteste (n=150)		
	N	%	n	%	
Sexo					
Masculino	79	30,86	44	29,33	0.747
Feminino	177	69,14	106	70,67	
Grupos de idade					
60-64	105	41,02	68	45,33	0.597
65-69	66	25,78	39	26,00	
70 ou mais	85	33,20	43	28,67	
Média (DP)	67.04	5.54	66.38	4.98	
Mediana		66.00		65.00	
Mínimo – Máximo		60.00 – 86.00		60.00 – 81.00	

Estado Civil					
Solteiros	34	13,28	20	13,33	0.769
Casados/União estável	125	48,83	79	52,67	
Divorciados, Separados, Desquitados.	30	11,72	13	8,67	
Viúvos	67	26,17	38	25,33	
Escolaridade (em anos)					
Até 8 anos	109	42,58	56	37,33	0.534
De 9 a 11 anos	55	21,48	41	27,33	
12 anos ou mais	85	33,20	48	32,00	
Não responderam	7	2,73	5	3,33	
Média (DP)	10.14	4.67	10.37	4.78	
Mediana	10.00		10.00		
Mínimo – Máximo	1.00 – 27.00		1.00 – 27.00		
Renda Familiar					
Até 2.0 SM	63	24,61	41	27,33	0.615
De 2.1 a 3.0 SM	54	21,09	28	18,67	
De 3.1 a 4.0 SM	48	18,75	29	19,33	
De 4.1 a 5.0 SM	26	10,16	21	14,00	
Mais de 5.1 SM	65	25,39	31	20,67	

**p*-valor referente ao Teste Qui-quadrado

Os testes Esfericidade de Bartlett e o de Kaiser-Meyer-Olkin indicaram, respectivamente, que houve correlação entre os itens avaliados do QEE (χ^2 [gl=120]= 927,442; $p < 0,001$) e adequação da amostra (KMO=0,810) para realização de análise fatorial exploratória. As análises de *Scree Plot* e a de análise fatorial exploratória (rotação *Varimax*) do instrumento indicaram a existência de três fatores com autovalores de 4,25, 1,77 e 1,27, que juntos explicaram 45,5% da variância total. A Tabela 2, abaixo, apresenta as cargas fatoriais dos itens que compuseram cada um dos fatores, cujo critério de pertencimento ao fator foi possuir carga superior, em comparação quando alocados em outros fatores.

Tabela 2. Análise Fatorial (Rotação *Varimax*) da *Escala de Expressão Emocional*

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3
	(Variância=26.65%) Exp. Positiva	(Variância=11.06%) Exp. Negativa	(Variância=7.93%) Impulsividade
1. Sempre que eu sinto emoções positivas, as pessoas facilmente veem o que estou sentindo com exatidão	0,71	0,01	-0,06
2. Por vezes choro, quando vejo filmes tristes	0,21	-0,02	0,51

3. Frequentemente, os outros não sabem o que eu estou sentindo	-0,07	<u>0,63</u>	0,17
4. Rio alto quando alguém me conta uma piada que eu acho engraçada	<u>0,35</u>	0,02	0,22
5. É difícil para eu esconder o meu medo	0,08	0,26	<u>0,54</u>
6. Quando me sinto feliz, os meus sentimentos revelam-se	<u>0,72</u>	0,16	0,05
7. O meu corpo reage fortemente a situações emocionais	<u>0,44</u>	0,25	0,30
8. Aprendi que é melhor suprimir a minha raiva do que demonstrá-la	0,01	<u>0,81</u>	0,11
9. Por mais nervoso (a) ou incomodado (a) que eu esteja, tendo a manter a calma exterior	0,26	<u>0,75</u>	-0,18
10. Sou uma pessoa emocionalmente expressiva	<u>0,68</u>	0,03	0,24
11. Tenho emoções fortes	<u>0,49</u>	0,11	0,40
12. Por vezes sou incapaz de esconder os meus sentimentos, no entanto gostaria de fazê-lo	0,15	0,29	<u>0,53</u>
13. Sempre que sinto emoções negativas, as pessoas facilmente veem o que estou sentindo com exatidão	0,45	-0,13	<u>0,51</u>
14. Já houve momentos em que não fui capaz de parar de chorar mesmo que o tentasse	0,03	-0,08	<u>0,65</u>
15. Experimento (vivencio) muito fortemente as minhas emoções	<u>0,53</u>	0,08	0,38
16. O que eu sinto está espelhado na minha cara	<u>0,77</u>	-0,07	0,13

A Tabela 3, abaixo, apresenta os coeficientes de consistência interna (α de Cronbach) e de correlação teste-reteste do Questionário de Expressão Emocional. Observa-se que o instrumento como um todo e cada fator alcançaram consistência moderada (0,72); e a retirada dos itens com as menores cargas fatoriais não se revelou interessante, pois resultou em pouco aumento dos coeficientes.

Os três fatores do questionário, assim como o seu escore total, apresentaram coeficientes de correlação teste-reteste superiores a 0,68 (Tabela 3), indicando boa estabilidade entre os dois momentos da avaliação (Hair Jr., Black, Babin, Anderson & Tatham, 2005).

Tabela 3. Indicadores de consistência interna (coeficientes α de *Cronbach*) e de correlação teste-reteste do Questionário de Expressão Emocional

Fatores	n° de itens	α	Coefficientes baseados em itens padronizados	Item com menor consistência	Correlação do item de menor consistência com o total	Coefficiente (após a retirada do item)	Correlação teste-reteste (p<0,001)
Fator 1	08	0.793	0.791	Item 4	0.305	0.799	0.846
Fator 2	03	0.636	0.634	Item 3	0.350	0.659	0.716
Fator 3	05	0.600	0.599	--	--	--	0.682
Total	16	0.728	0.727	Item 9	-0.081	0.756	0.802

A Tabela 4, abaixo, descreve a pontuação média dos idosos no QEE. A média no instrumento total (expressividade geral) foi de 4,69 pontos (DP=0,69). A maior pontuação média nos fatores foi em expressividade positiva (5,41; DP= 0,86). Expressividade emocional negativa demonstrou a menor pontuação média (3,07; DP=1,29). As comparações das pontuações médias entre as características sociodemográficas revelaram diferenças significativas quanto ao gênero, estado civil e nível de renda familiar. Mulheres pontuaram mais alto em expressividade negativa, força do impulso e em expressividade geral do que os homens. Idosos solteiros pontuaram mais alto em expressividade negativa do que os viúvos. Idosos com renda familiar entre 3,1 e 4 salários pontuaram mais alto em expressividade positiva e expressividade geral do que aqueles com renda familiar entre 4,1 e 5 salários.

Tabela 4. Médias e desvios padrão da amostra total e por critérios sociodemográficos no Questionário de Expressão Emocional

	Fator 1		Fator 2		Fator 3		Total	
	Média	±DP	Média	±DP	Média	±DP	Média	±DP
Amostra total	5,41	0,86	3,07	1,29	4,52	1,14	4,69	0,69
Sexo								
Masculino	5,25	1,02	2,70	1,15	4,18	1,17	4,44	0,75
Feminino	5,48	0,78	3,23	1,32	4,67	1,10	4,80	0,63
p-valor ^a	0.107		0.004		0.001		<0.001	
Grupos de idade								
60-64	5,41	0,92	3,13	1,44	4,56	1,21	4,71	0,76
65-69	5,50	0,77	2,88	1,08	4,44	1,09	4,68	0,56
70 ou mais	5,33	0,85	3,14	1,22	4,54	1,09	4,67	0,68
p-valor ^b	0.531		0.440		0.679		0.827	

Estado Civil								
Solteiros	5,22	0,96	3,60	1,28	4,56	1,14	4,71	0,78
Casados/União estável	5,37	0,91	3,09	1,28	4,41	1,22	4,64	0,72
Divorciados, Separados, Desquitados.	5,68	0,61	2,88	1,26	4,75	0,93	4,87	0,54
Viúvos	5,46	0,79	2,85	1,27	4,61	1,05	4,70	0,63
p-valor ^b	0.224		0.024		0.542		0.592	
Escolaridade (em anos)								
Ens. Fundamental (Até 8 anos)	5,34	0,81	3,00	1,32	4,68	1,11	4,70	0,62
Ens. Médio (De 9 a 11 anos)	5,44	0,94	3,21	1,27	4,49	1,22	4,72	0,74
Ens. Superior (12 anos ou mais)	5,43	0,80	2,91	1,28	4,39	1,03	4,63	0,68
p-valor ^b	0.568		0.182		0.242		0.670	
Renda Familiar								
Até 2.0 SM	5,39	0,80	3,02	1,30	4,60	1,15	4,70	0,66
De 2.1 a 3.0 SM	5,49	0,90	3,30	1,32	4,50	1,21	4,77	0,69
De 3.1 a 4.0 SM	5,63	0,77	2,88	1,22	4,73	1,13	4,84	0,64
De 4.1 a 5.0 SM	4,95	0,99	3,26	1,38	4,14	1,17	4,38	0,73
Mais de 5.1 SM	5,47	0,82	2,96	1,26	4,49	1,02	4,70	0,70
p-valor ^b	0.015		0.442		0.248		0.040	
Frequentava a UnATI?								
Não	5,35	0,94	3,06	1,33	4,50	1,11	4,66	0,71
Sim	5,48	0,75	3,08	1,24	4,54	1,19	4,74	0,65
p-valor ^a	0.691		0.766		0.603		0.543	

a. Teste U de Mann-Whitney; b. Teste Kruskal-Wallis, seguido de teste de múltipla comparação (*Multiple Comparisons z' values*). * Diferença estatística no teste de múltipla comparação: Estado Civil: Solteiros≠Viúvos; Renda: De 3.1 a 4.0≠De 4.1 a 5.0.

A Tabela 5, abaixo, apresenta as análises de correlação de *Spearman* entre o QEE e as variáveis de natureza sociodemográfica e psicológica. O gênero feminino novamente demonstrou relações com expressividade geral, expressividade negativa e força do impulso através de correlações positivas. Escolaridade revelou correlação negativa com força do impulso. Entre as variáveis psicológicas, presença de depressão indicada pela GDS revelou correlação positiva com força do impulso, assim como o autorrelato de experiência de afetos negativos. Experiência, de afetos positivos e experiência afetiva geral, correlacionou-se positivamente com expressividade positiva e negativamente com força do impulso.

Tabela 5. Correlação de *Spearman* entre as variáveis sociodemográficas e psicológicas

Variáveis	Sexo		Idade		Escolaridade		Renda		GDS		EAPN Afetos positivos		EAPN Afetos negativos		EAPN Total	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
Fator 1	0,10	0,107	-	0,371	0,02	0,787	-	0,841	-	0,154	0,202	0,001	-	0,671	0,121	0,059
			0,06				0,01		0,091				0,027			
Fator 2	0,18	0,003	-	0,767	0,07	0,293	-	0,553	-	0,549	-	0,240	0,080	0,210	-	0,193
			0,02				0,04		0,038		0,075				0,084	
Fator 3	0,20	0,001	0,00	0,978	-	0,034	-	0,292	0,165	0,009	-	0,091	0,161	0,011	-	0,018
					0,13		0,07				0,108				0,151	
Total	0,22	0,000	-	0,427	-	0,647	-	0,478	0,010	0,878	0,044	0,496	0,094	0,141	-	0,613
			0,05		0,03		0,04								0,032	

Nota: r (coeficiente de correlação de *Spearman*) e p (p-valor). Sexo: Variável dicotômica, 0=masculino e 1=feminino

Discussão

O exame psicométrico da medida de autorrelato de expressividade emocional QEE, quando aplicada a idosos brasileiros, demonstrou, de forma geral, bons índices de validade e confiabilidade.

Quanto à validade de construto, a análise fatorial exploratória reproduziu as três facetas que compõem a escala original de Gross e John (1995), embora entre os idosos brasileiros a faceta de expressividade negativa tenha sido representada por apenas três itens. Observou-se que os outros itens referentes a essa faceta, no instrumento original, relacionaram-se, no presente estudo, com força do impulso (itens 5 e 13) e com expressividade positiva (item 16). A variância explicada pelos três fatores foi superior (45,5%) à encontrada nos estudos realizados por Gross e John (33%).

O QEE revelou consistência interna e reprodutibilidade teste-reteste satisfatórios, indicando confiabilidade. Os maiores índices alpha de Cronbach e de correlação teste-reteste foram do fator expressividade positiva e expressividade geral. Embora os itens três e quatro tenham demonstrado menores correlações com seus fatores e o item nove com a escala em geral, não se sugere que esses sejam retirados do questionário, pois futuras investigações deverão examinar melhor o desempenho de idosos nesses itens.

O exame das pontuações médias dos idosos no QEE e de suas relações com variáveis sociodemográficas e afetivas auxiliam na compreensão da temática do envelhecimento emocional. Para a presente amostra, as maiores pontuações médias dos idosos foram em expressividade positiva e força do impulso e menores em expressividade negativa. No estudo de Gross e John (1997), a amostra idosa também revelou a mesma tendência. Decorrente desse achado, pode-se considerar que, de forma geral, os idosos não se tornam incapazes de experimentar e expressar emoções positivas e negativas. Embora a amostra seja caracterizada por frequentadores de uma UnATI, tais resultados também corroboram a compreensão gerontológica atual de que os afetos positivos são mais vivenciados e expressos na velhice e que haveria uma possível diminuição nos afetos negativos (Carstensen *et al.*, 2011).

Quanto às diferenças de gênero, embora, em todas as idades, atribua-se à mulher maior expressividade positiva e aos homens, negativa (De Sousa, Jesuíno, Morgado, Aniceto, Bico, Ferreira, Hilário & Neves, 2010), as mulheres idosas deste estudo pontuaram mais alto em expressividade negativa e força do impulso do que os homens. A maior facilidade em expressar emoções negativas tem sido uma das hipóteses explicativas para o fato de encontrar-se maior prevalência de quadros depressivos e ansiosos entre estas (Baptista, M.N.; Baptista, A.S.D. & Oliveira, 1999), tendência também manifesta no presente estudo.

Diferenças em expressividade emocional em função das condições de renda, escolaridade e estado civil também foram evidentes entre os resultados. Idosos solteiros tenderam a relatar maior expressividade negativa quando comparados a idosos viúvos. Estudos que compararam bem-estar entre idosos com diferentes condições conjugais apontam para uma direção semelhante ao revelar que idosos solteiros manifestam menor bem-estar na velhice (Yeung *et al.*, 2011).

Pequenas alterações no nível de renda familiar também apontaram para a diminuição na expressividade geral, o que talvez seja explicada por sua associação com escolaridade. Maior escolaridade relacionou-se com diminuição em força do impulso. É possível que as correlações negativas entre anos de escolaridade e pontuação em força do impulso apontem para a influência de fatores de socialização nas respostas de reatividade emocional e autocontrole no curso de vida. Maior escolaridade relaciona-se com maiores habilidades de regular emoções e acesso a outras estratégias de enfrentamento (Almeida, McGonagle, Cate, Kissler & Wethington, 2003).

No intuito de verificar as relações entre experiência emocional e expressividade, examinaram-se as correlações entre o QEE e as Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN) e de depressão geriátrica (GDS-15). Assim como no estudo de Gross e John (1997), encontrou-se correlações positivas entre expressividade positiva e a experiência de afetos positivos e experiência afetiva geral. Encontraram-se também correlações negativas entre força do impulso e a experiência de afetos positivos e experiência afetiva geral. Uma vez que força do impulso remete ao conceito de reatividade e impulsividade emocional, a presença de sintomas depressivos e a experiência de afetos negativos correlacionaram-se positivamente com essa faceta do QEE. Embora significativas tais correlações tenderam a ser de baixa magnitude, replicando os achados de Gross e John (1997), os quais sugerem que os componentes experienciais e expressivos das emoções são construtos relacionados, porém distintos. A respeito das implicações dessas correlações para o estudo do envelhecimento emocional, tais resultados apontam também para a manutenção da autopercepção dos estados emocionais congruente com o autorrelato de expressividade desses estados.

Como possíveis limitações do presente estudo, considera-se necessária uma ressalva a respeito da amostra pesquisada. O estudo foi realizado com idosos saudáveis e ativos sendo necessários maiores investimentos de pesquisa com amostras, mas heterogêneas e derivadas de diferentes contextos institucionais/ populacionais. Futuros trabalhos deverão ampliar a população estudada, incluindo amostras comunitárias que abranjam a heterogeneidade dos idosos, identificando fatores que também relacionem a experiência e expressão emocional com a capacidade de regular as emoções.

Referências

Almeida, D.M., McGonagle, K.A., Cate, R.C., Kissler, R.C. & Wethington, E. (2002). Psychosocial Moderators of Emotional Reactivity to Marital Arguments: Results from a Daily Diary Study. *Marriage & Family Review*, 3, 89-113.

Baptista, M.N.; Baptista, A.S.D. & Oliveira, M.das G.de (1999, ag.). Depressão e gênero: por que as mulheres deprimem mais que os homens? *Temas em Psicologia*, 7(2). Recuperado em 01/12/2011, de:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1999000200005&script=sci_arttext

Barrick, A. L., Hutchinson, R. L. & Deckers, L. H. (1989). Age effects on positive and negative emotions. *Journal of Social Behavior and Personality*, 4, 421-429.

Carstensen, L.L, Gottman, J.M. & Levenson, R.W. (1995). Emotional behavior in long term marriage. *Psychology and Aging*, 10, 140-149.

Carstensen, L.L., Pasupathi, M., Mayr, U. & Nesselroade, J.R. (2000). Emotional Experience in everyday life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 644-655.

Carstensen, L.L., Tunan, B., Scheibe, S., Ram, N., Ersner-Hershfield, H., Samanez-Larkin, G.R., Brooks, K.P. & Nesselroade, J.R. (2011). Emotional Experience Improves With Age: Evidence Based on Over 10 Years of Experience Sampling. *Psychology and Aging*, 26(1), 21-33.

Charles, S.T. & Carstensen, L.L. (2010). Social and Emotional Aging. *Annual Review of Psychology*, 61, 383-409.

De Sousa, C., Jesuíno, J.C., Morgado, A.S., Aniceto, P., Bico, P., Ferreira, R., Hilário, A.L. & Neves, M.B. (2010). Estereótipos de gênero nas emoções dos idosos. In: Nogueira, C., Silva, I., Lima, L., Almeida, A.T. Cabecinhas, R., Gomes, R., Machado, C., Maia, A., Sampaio, A. & Taveira, M.C. (Eds.). *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3569-3580. Recuperado em 12/11/2012, de <http://www.actassnip2010.com>.

Fox, N. & Calkins, S.D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and Emotion*, 27, 7-26.

Frank, M.H. & Rodrigues, N.L. (2006). Depressão, ansiedade, outros distúrbios afetivos e suicídio. In: Freitas, E.V., Py, L., Neri, A.L., Cançado, F.A.X. Gorzoni, M.L. & Doll, J. *Tratado de geriatria e gerontologia*. (2ª ed.), 376-387. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Gáspari, J.C.de & Schwartz, G.M. (2005). O idoso e a Ressignificação emocional do lazer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 69-76. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.

Gazalle, F.K., Lima, M.S.de, Tavares, B.F. & Hallal, P.C. (2004). Sintomas depressivos e fatores associados em população idosa no Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 38(3), 365-371. Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas. Recuperado em 01/12/2011, de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n3/20652.pdf>.

George, L.K. (2010). Still Happy After All These Years: Research Frontiers on Subjective Well-being in Later Life. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 65B(3), 331-339.

Griffin, P.W., Mroczek, D.K. & Spiro, A.III. (2006). A systemic-wholistic approach to differential aging men: Longitudinal findings from the VA Normative Aging Study. *Psychology and Aging*, 21, 645-663.

Gross, J.J. & John, O.P. (1995). Facets of emotional expressivity: Three self-report factors and their correlates. *Personality and Individual Differences*, 19, 555-568.

Gross, J.J. & John, O.P. (2004). Health and Unhealthy Emotion Regulation: Personality Process, Individual Differences, and Life Span Development. *Journal of Personality*.

Gross, J.J. & John, O.P. (1997). Revealing Feelings: Facets of Emotional Expressivity in Self-Reports, Peer Ratings, and Behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*.

- Gross, J.J., John, O.P. & Richards, J.M. (2000). The dissociation of emotion expression from emotion experience: A personality perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 712-726.
- Hair Jr., J.F., Black, W.C., Babin, B.J., Anderson, R.E. & Tatham, R.L. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. (5ª ed.). Porto Alegre (RS): Bookman.
- Kunzmann, U., Little, T.D. & Smith, J. (2000). Is age-related stability of subjective well-being a paradox? Cross-sectional and longitudinal evidence from the Berlin Aging Study. *Psychology and Aging*, 15, 511-526.
- Lawton, M.P., Kleban, M.H., Rajagopal, D. & Dean, J. (1992). Dimensions of affective experience in three age groups. *Psychol Aging*, 7(2), 171-184.
- Levenson, R.W., Carstensen, L.L., Friesen, W.V. & Ekman, P. (1991). Voluntary facial action generates emotion-specific autonomic nervous system activity. *Psychophysiology*, 27, 363-384.
- Lisondo, A.B.D.de (2010). As experiências emocionais nas diferentes transformações e o contato com a realidade. In: Stitzman, L. *Entrelazamiento-Un Ensayo Psicoanalítico*. Valencia (Espanha): Editorial Promolibro. Recuperado em 01/12/2011, de: <http://entrelazamientotextos.tumblr.com/post/8152359198/as-experiencias-emocionais-nas-diferentes...>
- Malesta, C.Z. & Kalnok, M. (1984). Emotional experience in younger and older adults. *Journal of Gerontology*, 39, 301-308.
- Neri, A.L. (2008). *Palavras-Chave em Gerontologia*. Campinas (SP): Alínea.
- Orgeta, V. (2009). Specificity of age differences in emotion regulation. *Aging & Mental Health*, 13(6), 818-826.
- Phillips, L.H., Henry, J.D., Hosie, J.A. & Milne, A.B. (2006). Age, anger regulation and well being. *Aging Ment Health*, 10(3), 250-256.
- Plutcheik, R. (1962). *The emotions: Facts, Theories and a new model*. New York (EUA): Random House.
- Pôrto, W.G. (2008). Um estudo de relatos afetivos subjetivos a estímulos do International Affective Picture System em uma amostra geriátrica brasileira. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(2), 131-138.
- Santos, F.C., Souza, P.M.R.de, Nogueira, S.A.C., Lorenzet, I.C., Barros, B.F. & Dardin, L.P. (2011, jul.-set.). Programa de autogerenciamento de dor crônica no idoso: estudo-piloto. *Revista Dor*, 12(3). São Paulo (SP). Recuperado em 01/12/2011, de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-00132011000300003&script=sci_arttext.
- Sloan, D.M. & Marx, B.P. (2004). Taking Pen to Hand: Evaluating Theories Underlying the Written Disclosure Paradigm. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 11, 121-137.
- Sloan, D.M., Strauss, M.E. & Wisner, K.L. (2001). Diminished response to pleasant stimuli by depressed women. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 488-493.
- Sheibe, S. & Carstensen, L.L. (2010). *Emotional Aging: Recent Findings and Future Trends*. Department of Psychology. California: Stanford University.

Urry, H.L. & Gross, J.J. (2010). Emotion regulation in older age. *Current Directions in Psychological Science*, 19, 352-357.

Yeung, D.Y., Wong, K.M. & Lok, D.P.P. (2011). Emotion regulation mediates age differences in emotions. *Aging & Mental Health*, 15, 414-418.

Watson, D., Clark, L.A. & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063-1070.

Recebido em 02/12/2012

Aceito em 22/12/2012

Monique Alves de Oliveira - Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

E-mail: monique.ao@hotmail.com

Samila Sathler Tavares Batistoni - Professora Doutora da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

E-mail: samilabatistoni@usp.br

Ruth Caldeira de Melo - Professora Doutora da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

E-mail: ruth.melo@usp.br

Mônica Sanches Yassuda - Professora Associada da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

E-mail: yassuda@usp.br

Marisa Accioly Domingues - Professora Doutora da Escola de Artes Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo.

E-mail: maccioly@usp.br

Andrea Lopes - Professora Doutora da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade
de São Paulo.

E-mail: andrealopes@usp.br

Meire Cachioni - Professora Associada da Escola de Artes Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo.

E-mail: meirec@usp.br

Endereço para correspondência: Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São
Paulo – Av. Arlindo Béttio, 1000. Ermelino Matarazzo. CEP 03828-000 – São Paulo (SP), Brasil.

E-mail: monique.ao@hotmail.com; samilabatistoni@usp.br